

PQ

9261\_\_

G5866M6

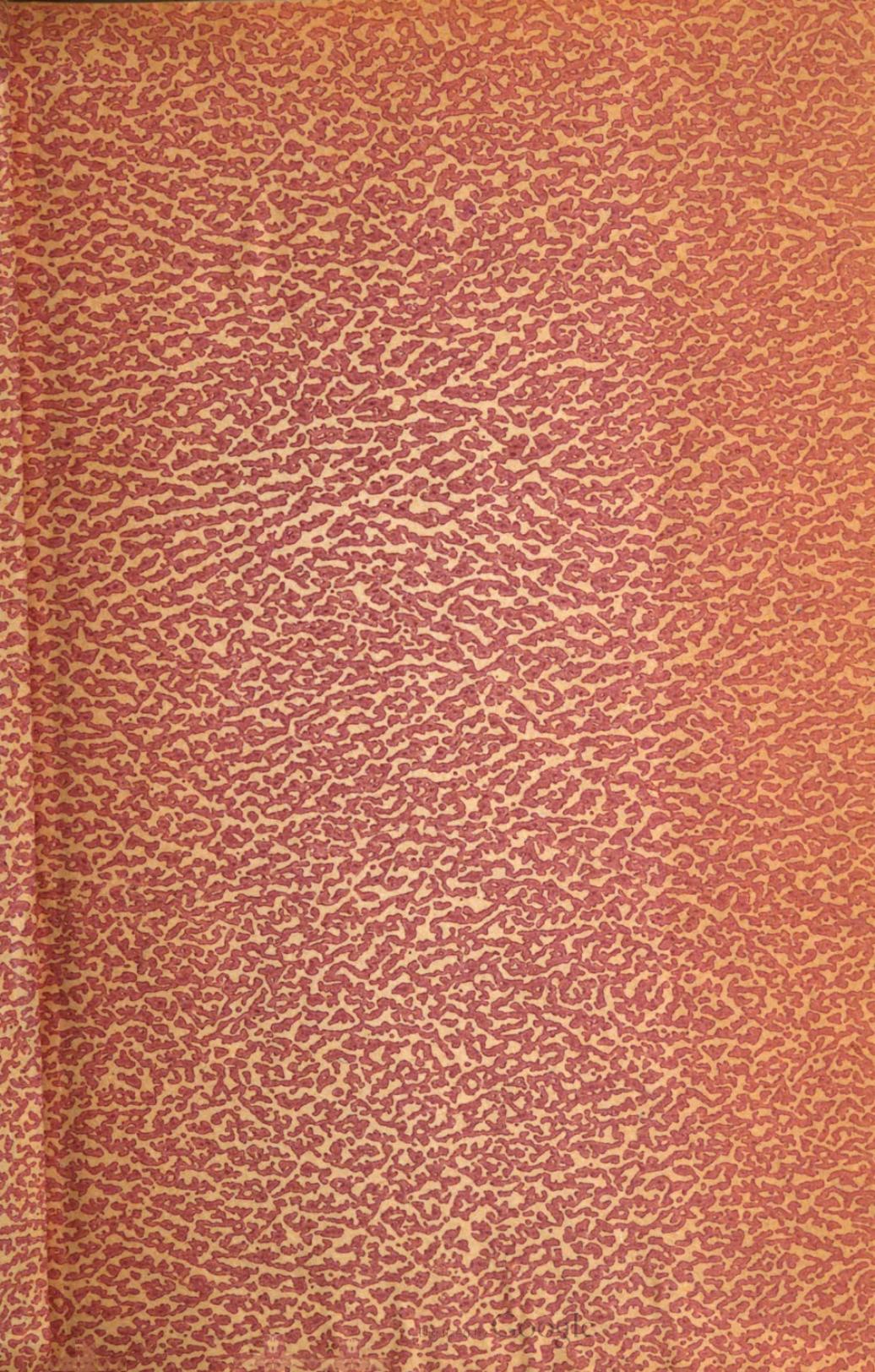
A  
A  
0  
0  
0  
4  
4  
4  
6  
6  
7  
0



UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY



THE LIBRARY  
OF  
THE UNIVERSITY  
OF CALIFORNIA  
LOS ANGELES



1000





Ex. Sr. F. Antonio Marques  
off. registramento

# MINIATURAS

• Auction  
Com. de 5 de Junho  
de 1872.

POR

ANTONIO CANDIDO GONÇALVES CRESPO

Natural do Rio de Janeiro

---

COIMBRA

Imprensa da Universidade

1871



PQ

9261

G5866 M6

**A MEU PAE**

**O SENHOR**

**ANTONIO JOSÉ GONÇALVES CRESPO**

**1272780**

Digitized by Google



## A BÓRDO

AO MEU AMIGO E MESTRE J. PENHA

### I

É funda a calma.  
O mar dorme tranquillo e socegado,  
E o céu d'aquelle dia  
É como infindo páramo azulado.

## II

O sol dardeja a prumo  
No convés da galera *Diamante*;  
Toma as alturas e combina o rumo  
O piloto marcando-o no sextante.

## III

Na prôa os marinheiros,  
Recostados em rôlos de cordame,  
Escutam galhofeiros  
Um velho, que lhes conta seus amores.  
O narrador dizia:  
«Foi isto em Buenos-Ayres; só queria  
«Que a vissem, como eu vi, dançar *boleros*,  
«O corpo requebrando;  
«A saia curta; as mãos, postas nas ancas;  
«Os olhos atijando...  
«Que valente fragata!  
«Valia mais de certo, que dez brancas,  
«Mariquita a mulata!»

## IV

Da escotilha á entrada,  
No corrimão lustroso  
Da vacillante escada,  
Um verde papagaio cubiçoso  
Namora com olhares sem ventura  
Um cacho de bananas,  
Que do cesto de gávea se pendura.

## V

É variado o aspecto  
Da envernizada camara; a um lado  
De uma comprida meza  
Um *king's-charles* inquieto  
Ladra brincando e atira-se ao regaço  
De uma sêcca, espigada e velha ingleza.

## VI

Uma adoravel *miss*  
De tranças aneladas,  
E de olhos de um azul casto e sereno,  
Affaga com meiguice,  
Dando infantis risadas,  
Da lady semsabôr o cão pequeno.

## VII

De chapéu desabado,  
Chapéu do Chili que uma tenda eguala,  
De charuto na bocca, um *fazendeiro*  
Passeia pela sala,  
Olhando namorado  
O rosto feiticeiro  
De uma gentil Bahiana eslanguescida,  
Que num doce pensar scisma embebida.

## VIII

Alguns louros meninos,  
Em cadeiras de vime empoleirados,  
Apontam com seus dedos pequeninos,  
    Commentando enlevados,  
As paginas ornadas de gravuras  
De um livro de subtis caricaturas.

## IX

Envolta na fumaça  
De uma leve e cheirosa cigarrilha,  
O pé deixando ver de sob a cassa  
    De seus brancos vestidos,  
Uma linda morena de Sevilha  
Se deixa amar por um francez poeta.  
Almiscarado, louro, e de luneta,

## X

Jogam o voltarete  
Tres portuguezes velhos,  
Falladores, teimosos, e vermelhos:  
Da meza no tapete,  
De cerveja entre as taças facetadas,  
Scintillam como espelhos  
As caixas de rapé auri-lavradas.

## XI

Debruçado no encôsto  
De uma fôfa cadeira,  
O velho capitão de bronzeo rosto  
A uns colonos allemães reconta  
De que modo e maneira  
Nas margens do Amazonas apanhara  
—Andando em caça na deserta areia—  
A variada e refulgente arara,  
Que as atenções prendera da assembleia.

## XI

Assim passava; e enquanto  
Prosegue o capitão, a velha ingleza  
-Dormita reclinada sobre a meza;  
O cão não ladra; e a *miss* escuta o canço  
Arrastado, monótono, e chorôso  
De uma robusta negra, que balança  
Na rêde fluctuante uma creança.

## XII

O vento refresca,  
E move-se a galera. A comitiva  
Para a *coberta* ascende alegre e viva.  
Range no entanto o leme:  
Na camara só fica a triste arara  
E o francez, que murmura em voz, que treme,  
Á bella señorita: *je vous aime!*

## A NOIVA

A noiva passa rindo  
De rosas coroadas,  
Como um botão surgindo  
À luz da madrugada,

Na fronte immaculada  
O véu lhe desce lindo,  
E a brisa enamorada  
Lhe furta um beijo infindo...

Ante o altar se inclina  
A noiva, e purpurina  
Murmura a médo: sim.

Agora é noite; a lua  
No céu azul fluctua,  
E o noivo diz: emfim!

1870

---

## A SÉSTA

Na rêde, que um negro morôso balança,  
Qual berço de espumas,  
Formosa creoula repousa e dormita,  
Emquanto a mucamba nos ares agita  
Um leque de plumas.

---

Na rêde perpassam as trémulas sombras  
    Dos altos bambús;  
E dorme a creoula de manso embalada,  
Pendidos os braços da rêde nevada  
    Mimosos, e nós.

A rêde, que os ares em tórno perfuma  
    De vivos aromas,  
De subito pára, que o negro indolente  
Espreita lascivo da bella dormente  
    As túmidas pômas.

Na rêde suspensa dos ramos erguidos  
    Suspira e sorri  
A languida moça cercada de flores;  
Aos guinchos dá saltos na esteira de cores  
    Felpudo saguy.

Na rêde, por vezes, agita-se a bella,  
Talvez murmurando  
Em sonhos as trovas cadentes, saudosas,  
Que triste colono por noites formosas  
Descanta chorando.

A rêde nos ares de novo fluctúa,  
E a bella a sonhar!  
Ao longe nos bosques escuros, cerrados,  
De negros captivos os cantos magoados  
Soluçam no ar.

Na rêde olorosa, silencio! deixae-a  
Dormir em descanso!..  
Escravo, balança-lhe a rêde serena;  
Mestiça, teu leque de plumas acena  
De manso, de manso...

---

O vento que passe tranquillo, de leve,  
Nas folhas do engá ;  
As aves que abafem seu canto sentido ;  
As rodas do *engenho* não façam ruido,  
Que dorme a Sinhá!

1870

## A MULHER QUE RIA

Seu rosto tinha a doce transparencia  
Das louças do Japão : era judia ;  
Em seus olhos azues quanta innocencia !  
Mas dos sonhos de amor zombava, e ria.

Mixto de sombra e luz : ás vezes pura  
Como aerea vizão me apparecia;  
Outras vezes, extranha creatura!  
Era a pagã que entre meus braços ria.

Se de amor doces phrases eu soltava,  
E febril seus cabellos desprendia,  
De meus joelhos, douda, resvalava,  
E beijando-me, Esther cantava, e ria.

Minha alcôva era um ninho perfumado,  
E entre flores a vida me corria :  
O socêgo perdi, enamorado  
D'essa mulher, que ora cantava, ou ria.

Uma vez, numa ceia deslumbrante,  
Entre o ruidoso estrépito da orgia,  
Nos braços desmaiou d'um estudante:  
Depois, deixou-me só... cantava e ria.

Que saudades eu tive! em meu caminho  
Vi-a hontem passar, triste e sombria,  
Sôlta na espádua a trança em desalinho:  
Era a sombra de Esther, pois já não ria.

1869

---

O CAMARIM

A luz do sol affaga docemente  
As bordadas cortinas de escomilha;  
Penetrantes aromas de baunilha  
Ondulam pelo t pido ambiente.

Sobre a estante do piano reluzente  
Repousa a *Norma*, e ao lado uma quadrilha ;  
E do leito francez nas côlchas brilha  
De um cão de raça o olhar inteligente.

Ao pé das longas vestes, descuidadas  
Dormem nos arabescos do tapete  
Duas leves botinas delicadas.

Sobre a meza emmurchece um ramilhete,  
E entre um leque e umas luvas perfumadas  
Scintilla um caprichoso bracelete.

1870

---

ARRUFOS

Olha, vizinha ; não póde .  
Soffrer mais tempo os agroses  
De teus esquivos amores  
O meu amor sem ventura ;

Se te ólho, voltas o rosto  
Com modos de aborrecida;  
Se te fallo, distraída  
Fitas os olhos na altura...

Não era assim n'outros tempos!  
Nem já te lembras, pequena!  
Foi n'um dia de novena,  
Que te vi a vez primeira:  
Em todo o tempo da festa  
Eu tive os olhos cravados  
Em teus cabellos cendrados  
E n'esse rosto de cêra.

No fim da novena, á porta  
Eu já te estava esperando,  
De um lado e do outro olhando,  
Temendo que te não visse...

Mas, quando por mim passaste  
E me roçou teu vestido,  
Fiquei a ponto perdido,  
Que nem sei o que te disse!

Alguma phrase amorosa!  
Que tu ouvindo-a paraste,  
E os olhos em mim pousaste,  
Como quem diz: esperava!  
Depois travámos conversa  
Tão nossa, tão divertida,  
Que na longa despedida,  
O *tu* por vezes te dava.

Isto era em abril: em maio,  
Quando das aulas chegava,  
Sempre na mesa encontrava  
Um ramilhete cheiroso.

Um dia achei um escripto  
Que dizia: Venha cedo,  
«Quero dizer-lhe um segredo;  
«Mas não tarde, preguiçoso!»

Desci de um salto as escadas;  
Quando cheguei, tu ergueste  
O meigo olhar, e disseste  
Presa de amor e ventura:  
«Não sabe? faço annos hoje;  
«Não recuse, meu amigo,  
«Jantará hoje commigo...  
E depozeste a costura.

D'ahi a pouco voltavas,  
Minha doce primavera!  
Com um collar, que eu te dera,  
E o meu gorro nos cabellos.

Jantámos : que tarde aquella,  
Cheia de louca poesia!  
- Quanto amor, quanta alegria!  
Como os vinte annos são bellos!

Uma vez tínhamos vindo  
De passeiar pela aldeia.  
Que noite de lua cheia!  
Parece que a vejo agora...  
Era em noite de S. Pedro,  
Quando ouvimos n'um descante:  
*«O amor de um estudante  
«Não dura mais que uma hora.»*

Teu braço tremeu, teu corpo  
Vergou-se, mimosa planta  
Se o temporal se levanta,  
E a face do céu descora...

E repetias baixinho  
Com doce voz supplicante:  
*«O amor de um estudante  
«Não dura mais que uma hora.»*

Em todo o nosso caminho  
Foste calada e chorando,  
E tímida desviando  
Teus grandes olhos dos meus ;  
Á entrada da tua porta  
Tentei beijar-te, fugiste ;  
E n'aquella hora tão triste  
Nem ouvi sequer: adeus!

Desde então, ao teu postigo,  
Por mais que os olhos relanço,  
Embalde imploro o descanso  
D'esta minha desventura;

Se te ólho, voltas o rosto  
Com modos de aborrecida;  
Se te fallo, distraída  
Fitas os olhos na altura...

1869

---

N. H.

Tu não és de Romeu a doce amante,  
A triste Julieta, que suspira,  
Sólto o cabelo aos ventos ondeante,  
Inquietas cordas de suspensa lyra.

Não és Ophelia, a virgem lacrymante,  
Que ao luar nos jardins vaga e delira,  
E é levada nas aguas fluctuante,  
Como em sonho de amor que cedo expira.

És a estatua de marmore de rosa ;  
Galateia acordando voluptuosa  
Do grego artista ao fogo de mil beijos...

És a languida Julia, que desmaia ;  
És Haydéa nos concavos da praia :  
Fosse eu o Dom João dos teus desejos!..

---

**MODESTA****A MINHA IRMÃ****I**

Se lembro esse momento  
Mais bello d'esta vida!  
Voava desprendida  
A tua coma ao vento...

O teu olhar, querida,  
Desceu ao meu tormento,  
E após, enternecida  
Disseste em brando accento:

«Tua alma soffre e chora,  
«Quando o porvir se inflora,  
«Quando a teu lado estou!..»

Doce te olhei tremendo;  
A noite ia descendo,  
Um beijo se escutou.

---

## II

Um beijo se escutou,  
E eu via mal seguro  
A luz, que elle traçou  
No azul do meu futuro.

Um beijo se escutou,  
Depois... teu labio puro  
Mais brando suspirou  
Que a pomba em ermo escuro.

Voz doce e piedosa!  
Não fujas, mariposa,  
Não tremas, Galatée!..

Gwinplaine extasiado,  
De um osculo sagrado  
Os pés ungia a Déa...

---

## III

O prado tem as flores,  
Boninas a floresta,  
Eu tenho-te, Modesta,  
Meus candidos amores.

---

Quando me inclinam mésta  
A fronte os dissabores,  
Sorris-me tu, Modesta,  
E vão-se as minhas dores.

Desceste ao meu abrigo,  
Ah! como eu te bemdigo!  
Oh! como te amo eu!

Que nos teus labios vejo  
Na aureola de um beijo  
O resplendor do ceu!

## IV

És bella, és casta, és pura ;  
O teu olhar consola,  
Se o lanças, doce esmola,  
Á sombra, á desventura...

---

Vieste-me da altura,  
Immaculada rôla ;  
Abriste, alva corolla,  
Em minha noite escura.

Na escalvada rocha  
A flôr não desabrocha  
O mádido botão ;

Mas tu sorris ao ver-me,  
A mim, obscuro verme :  
Não te mereço, não !

## V

Se beijo essa cabeça,  
Meu premio, auxilio e guia,  
Suffoca-me a alegria,  
Nem sei que mais eu peça.

Não póde a bruma espessa  
Casar-se á luz do dia :  
Unir-se a ti podia  
A minha sorte avêssa ?

Ainda é tempo ; escuta,  
O meu amor enluta ;  
Venceu-te uma illusão...

Tu bem me vês no rosto  
A sombra do sol-posto...  
Se eu fosse teu irmão!

---

## VI

Oh rosas purpurinas,  
Que tapetaes o prado!  
Trazei, lyrios, boninas,  
O arôma embalsamado.

Oh aves peregrinas!  
Por esse azul arqueado  
Soltae canções divinas:  
É hoje ó meu noivado.

Estrellas scintillantes,  
Eternos diamantes  
De trémulo fulgôr,

Brilhae! sonha Modesta  
Que tem na fronte honesta  
Da lorangeira a flôr.

---

## VII

Que doce é ver agora  
A natureza, quando  
O plúmeo e alegre bando  
Saúda a luz da aurora!

---

No prado o orvalho chora  
Aljofres derramando:  
Já se ouve ao longe a nora,  
E o lavrador cantando.

As auras amorosas  
Passam beijando as rosas,  
E tu dormindo, flôr!

Ergue-te, lyrio santo,  
Accorda, meu encanto,  
Modesta, meu amor!

## VIII

Dormia, assim a lua,  
Em nuvens perfumadas  
Nos ares embaladas,  
Esconde-se, e fluctua...

As roupas descuidadas  
Deixam-na semi-nua:  
Que fórmas delicadas!  
Dormia, assim a lua...

Aquella seio trouxe  
Não sei que aroma doce,  
Que doce embriaguez!

Tão bella! enfeitado,  
Beije-lhe namorado  
A curva de seus pés.

---

## IX

Do templo o véu rasgou-se,  
Na treva eil-o sumido!  
O sonho estremeado  
Em fumo dissipou-se!

---

Erguer, embevecido  
N'aquelle amor tão doce,  
Um idolo, que fosse!  
E vel-o assim cahido!

Oh pétala de rosa,  
Que nuvem tormentosa  
Te confundiu no pó?

De tanto amor, que resta?  
Um tumulo, Modesta,  
E eu sobre a terra, só!

**X**

**Morreu! assim a prece  
Na cathedral sombria  
Se esvae; á luz do dia  
A lampada esmorece.**

---

Curva-se a loira messe,  
Se passa a aragem fria;  
Tão bella assim! dormia...  
Se á vida renascesse! .

Levava as mãos no peito,  
Goivos naquella trança,  
Que tanta vez beijei.

Oh sonho meu desfeito!  
Voaste-me, creança!  
Deus sabe se te amei!

1870

---

**ELEITOS E PRECITOS**

Se passam em tropel, rugindo, os ventos  
Da floresta na densa ramaria,  
Cremos ouvir nas vascas da agonia  
De esmagados titans rudes lamentos.

---

Quando a furia descae dos elementos,  
E mais se afrouxa a agreste symphonia,  
Pelos erguidos ramos corpolentos  
De aves se alastra a varia melodia.

Os lamentos, que se ouvem na floresta,  
São as raivas e os gritos temerosos  
De quem o eterno azul jámais alcança.

E a melodia, a namorada festa  
Das aves e dos ninhos sonorosos,  
É o sorrir da bemaventurança.

---

**UM NUMERO DO INTERMEZZO**

Ria tomando chá entôrno á meza  
Da sociedade a flôr;  
E no campo de estheticas oppostas  
Discutia-se o amor:

«O amor deve ser ethereo e puro»,  
O conselheiro diz:  
Sorrindo a conselheira um ai! abafa  
Com gestos de infeliz.

Diz o cónego: «o amor destroe, mas quando  
Sensual, já se vê!»  
A donzella pergunta ingenuamente:  
«Reverendo, porque?»

A condessa murmura em voz dolente:  
«O amor é uma paixão.»  
E languida uma chavena offerece  
Ao pallido barão.

Era vago um logar entórno á meza  
Era o teu, minha flôr!  
Tu, só tu, poderias, se o quizeses,  
Dizer o que era amor!

**DULCE**

IMITAÇÃO

AO SR. FERNANDES PEREIRA

Vi-a um dia na rua. Flutuante  
Ao desdem lhe caía a loira trança;  
Como a luz d'um pharol, essa creança  
Levou-me atrás de si... triste bacchante!

---

Era o seu nome Dulce: o povo rude  
Apontava-a mofando, quando a via.  
Docemente sorrindo ella dizia :  
«Tu sabes, se te amei, santa virtude!»

Um dia a quiz beijar: fugiu-me triste :  
«Dulce me chamam, disse, que amargura!  
«Este corpo, que vês, é sanie impura,  
«Nem mais amargo fel no mundo existe.

«Que tôrva historia a minha! é breve, attende:  
«Por minha mãe, que a fome allucinava,  
«Lançada fui no abysmo!.. então amava...  
«Hoje sou Dulce, a lama que se vende...»

---

**VIOLETA**

Apertar-lhe, senhora, as mãos pequenas  
Nunca me foi logrado esse desejo,  
Por bem pago me dou das minhas penas  
Se um dia a vejo!

Vel-a sómente! amor desavisado!  
Que já nem sei agora, que mais peça;  
Nem sei de extremos, ou maior agrado,  
Que lhe mereça.

Quizesse a minha próspera ventura  
Descobrir-lhe esta dor, que me devora;  
Teria dó da minha vida escura,  
Gentil senhora.

Que para mim a aurora nunca aponta,  
Nem eu vejo do sol os resplendores;  
Os males meus, senhora, não têm conta,  
Nem minhas dores.

Mas quando a furto a vejo, que alegria!  
Mas quando a voz lhe escuto, desfalleço!  
E d'este padecer, que me excrucia,  
Até me esqueço.

Eu não lhe imploro amor ; vira sómente  
Entreabrir-se-me o céu, formosa dama,  
Se lhe ouvisse dizer com voz tremente :  
«Como elle me ama!»

. 1869

## CONSOLAÇÃO

Quando á noute no baile esplenduroso  
Vaes na onda da walsa arrebatada  
Com a serena fronte reclinada  
Sobre o peito feliz do par ditoso...

Mal sabes tu, que existe um desditoso  
Faminto de te ver, oh minha amada!  
E que sente a sua alma angustiada  
Longe da luz do teu olhar piedoso.

Mas quando a rôxa aurora vem nascendo,  
E a cotovia accorda o laranjal,  
E os astros vão de todo esmorecendo ;

Eu cuido ver-te, oh lyrio divinal,  
As minhas cartas ávida relendo  
Semi-nua no leito virginal.

1869

---

## SARA

## I

Não cantarei o sol, a terra e os largos mares,  
E o bosque murmurante, e os ninhos das ramadas:  
Meus hymnos serão teus, e as notas namoradas  
Te vibrarei no pléctro, oh Esposa dos cantares!

Sómente cantarei o teu olhar divino,  
E esse collo, moldado em candido alabastro,  
Onde ás vezes desmaio, e aonde te desnastro  
Em delirios febris as cômas de oiro fino.

Teu corpo cantarei, a esplendida escultura,  
O livro onde aprendi a ler quantas delicias  
Nos chovem da mulh<sup>er</sup> nas trémulas caricias,  
Que nos erguem ao céu nas azas da ventura.

Teus labios cantarei, abençoado porto,  
Onde vae soluçar a vaga de meus beijos,  
Lyra, que se desata em timidos harpejos,  
Quando me pende a fronte em lasso desconfôrto.

Se em teus braços me inclino, eu sinto que me afundo  
Num abysmo de seda e plumas perfumadas,  
E exulto, e choro e canto; e a roseas alvoradas  
Ergue o vôo minha alma em extasis profundo.

Tu és a Fornarina: e eu nesses olhos leio  
A luz que cega e mata... Embora! venham rosas!  
Quero cingir a fronte, e em noites amorosas  
Como Sanzio morrer nas ondas de teu seio...

---

## II

Milagre da natura  
És tu, mulher; o artista  
Ajoelha, se te avista,  
Oh rara formosura!

Deslumbra na brancura  
Teu corpo, e cega a vista;  
Mas ver-te assim... contrista!  
Tão bella, e tão impura!..

Meu sonho foi a rosa  
Na vaga tumultuosa:  
Tão cedo o vi morrer!

Phrinêa, tu não choras,  
Nem tremes, nem descoras:  
És marmore, mulher!

---

••

## III

Ha um mixto de azul e trevas agitadas,  
Nesse felino olhar de lubrica bachante.  
Quando lhe cae aos pés a roupa fluctuante  
Contemplo, mudo e absorto, as formas recatadas.

---

Nessa mulher esplende um poema deslumbrante  
De voluptia e languor; em noutes tresloucadas  
Que suave não é nas rosas perfumadas  
De seus labios beber o aroma inebriante!

Fascina, quando a vejo á noite semi-nua,  
Postas as mãos no seio, onde o desejo estua,  
A bocca descerrada, amortecido o olhar...

Fascina, mas sua alma é lodo, onde não poisa  
Um raio d'essa aurora, o amor, sublime coisa!  
Raio de luz perdido em tormentoso mar!

---

## IV

No alvorecer das minhas primaveras  
Tu me surgiste, aparição mimosa,  
E eu pude ver logradas as chimeras  
Da minha escura vida procellosa!

Com tanto ardor não cingem verdes heras  
O tronco da palmeira voluptuosa,  
Como quando no abraço dilaceras  
Este meu seio nú, pagã formosa!

Eu quero despendar este mysterio:  
Se alguma coisa em ti de vago e ethereo  
Existe meio occulta na penumbra...

Quero sentir, palpar a realidade;  
Mas ante o brilho augusto da verdade  
A luz do meu amor toda se obumbra.

---

## V

Sara, quando me vês, suave e brando,  
Repellir os teus beijos amorosos,  
Talvez julgues, mulher, ir declinando  
O alegre sol dos dias teus formosos.

---

Como te enganas, flôr! choro pensando  
Que foste irmã dos lyrios setinosos,  
E que talvez o céu fulgiu brilhando  
De teus olhos nos raios luminosos...

Quem te colheu o beijo primitivo?  
Que Fausto, ou Mephistopheles altivo  
Te emdoou as vestes, Margarida?

Escuta: enquanto dormes, impudente,  
Talvez 'nalguma estrella resplendente  
Chore tua alma triste e arrependida.

---

## VI

Sara, tens a belleza e a fórma seductora  
Que Ticiano adorara, e Angelo esculpira ;  
De teu profundo olhar na humida saphyra  
Em desmaios eu bebo a luz que me devora.

Sara, meiga visão! meu ser chora e delira  
Se te vejo infantil, suave, encantadora,  
E que vou desferir a nota gemedora  
Do meu insano amor no labio que suspira.

Foste o molde talvez de algum sonho divino,  
Estrella vinda á terra, oh corpo alabastrino,  
Que em namorado extremo apérto contra o seio!

Mas sorris quando triste oscúlo os teus cabellos,  
E te conto a illusão dos meus vagos anhelos:  
Eu te perdôo, flôr! creança, eu te pranteio!

---

## VII

Meu braço quando cinge  
Teu corpo avelludado,  
De rubra côr se tinge  
Teu rosto desmaiado.

Dizer tão namorado,  
O que esse labio finge!  
Depois... tudo evolado!  
Ris-te na sombra, esphyngé.

Podesse eu triste agora  
Dizer que vi a aurora  
Fulgir um só momento!

Desesperar eterno!  
Oh! basta d'este inferno!  
Esplenda o firmamento!

---

## VIII

Oh Sara, minha Lesbia, em cuja bocca aspiro  
A volupia que mata, o goso que adormenta!  
Quando te agita o sangue a febre que dementa,  
Manso e manso desmaio aos beijos de um vampiro.

És como a estatua grega, o assombro da esculptura,  
Erguêra-te um altar o ardente paganismo ;  
Desce de ti a luz, que brilha em meu abysmo,  
Esplendente ideal da eterna formosura !

Maravilha da carne, ás vezes se num beijo,  
D'esses beijos febris e humidos, transvasas  
Em meu ancioso peito o fogo em que te abrasas,  
E te fustiga em lava asperrimo desejo,

Presinto que se esvae a noute procellosa  
Á luz de um teu olhar na languida agonia,  
E adormeço, mulher, num sonho de magia  
Como em plácido leito a onda preguiçosa.

Depois ás horas, quando a curva mais se acalma  
Do seio turbulento, e o mar da longa trança  
Pouco e pouco se espraia... e flácido descansa,  
Não sei que dôr levanta os seios de minh'alma.

Que importa, que eu enxugue ao fogo de teus beijos  
O pranto, que me orvalha a palpebra sombria?  
Se vejo o ideal, que tanto resplendia,  
Perder-se pela altura em trémulos adejos!

---

## O ROSARIO

▲ MANUEL ARRIAGA

Quando á noite contemplo taciturno  
Estas contas antigas, o rosario'  
    Das minhas orações,  
Vejo em minh'alma o poema legendario  
Dos velhos tempos das longinquas eras  
    De santas devoções.

6

A cruz eburnea, onde agoniza o Christo,  
É de um lavor subtil, que nos revela  
    Um genio magistral,  
Obra de monge em merenchoria cella,  
Piedoso artista ha muito adormecido  
    Em velha cathedral.

Tem seculos: talvez que nestas contas  
Passasse outr'ora suas mãos esguias  
    A castellã senil,  
Pensando triste nos ditosos dias,  
Em que a seus pés um menestrel vibrava  
    O mimoso arrabil.

Talvez que este rosario minorasse  
As saudades da noiva lacrymante,  
    Que debalde esperou  
Em cada náu, que vinha de Levante,  
O seu donzel amado que partira,  
    E nunca mais voltou.

Sobre a côta de-um joven cavalleiro,  
Que o beijava por noites estrelladas  
    Pensando em sua mãe,  
Elle assistiu ás guerras das cruzadas,  
Atravessou talvez a terra santa  
    E viu Jerusalem.

Talvez alguma freira em triste claustro,  
De seus annos na doce primavera,  
    Só d'elle confiou  
Seus loucos sonhos de fallaz chimera,  
E, apertando o rosario ao peito ancioso,  
    Consolada expirou.

Isto o que leio no rosario antigo ;  
E, quando melancholico lhe beijo  
    As contas de marfim,  
No ar escuto indefinido harpejo,  
E então a crença, a mystica toada  
    Murmura dentro em mim.

1871

..

**DESTINOS****A M. J. B.**

**Tu és a andorinha timida  
Em migração para o sul;  
Eu sou o abutre esfaimado,  
Esse demonio emplumado,  
O escuro Ashavero do azul.**

---

Tu és a prece bemdita,  
Que da innocencia partiu;  
Eu sou o grito raivoso  
Do miserrimo Leproso,  
A quem o Senhor feriu.

Tu és o ramo de anémonas,  
Que sobre o altar rescendeu;  
Eu sou a folhagem mésta  
Da mandrágora funesta,  
Que da força aos pés nasceu.

Aurora, fuge da noite!  
Rebrilha, estrella ideal!  
E viva eu só, ignorado,  
O viver desamparado  
Da triste garça real!

---

**ARREPENDIDA****A VICENTE MONTEIRO**

Nesse quarto pequeno, húmido e estreito,  
A miseria assentou a mão sombria:  
A esteira do luar, que o alumia,  
Mais lhe engrandece o luctuoso effeito.

---

A um lado da vetusta gelosia  
Véla triste mulher; no immundo leito  
Alguem resona lugubre, e desfeito  
Pelos excessos da nocturna orgia.

Ella scisma ao luar; todo o passado  
A seus olhos avulta, illuminado  
Pelos dúbios reflexos da tristeza...

Por uma noite assim, limpida e clara,  
Sua modesta alcôva ella deixára  
Por esse que alli dorme, e que a despresa!

1870

## NERA

## I

Uma larga piscina, obra de um grego artista,  
Atrás da alcova em meio a fascinada vista.

## II

De trabalhado bronze um Pan malicioso  
Finge na tenue flauta um canto harmonioso.

## III

Uma estatua do Amor, de Paros côr de rosa,  
Entre verdes festões assoma graciosa.

## IV

Em jarras de Corinto esmaiam bellas flores,  
Espalham-se no ar suavissimos olores.

## V

O tecto é de mosaico, e ornado de figuras ;  
Riem pela parede eroticas pinturas.

## VI

Sobre mezas de jaspe, orladas de imbutidos,  
Repousam joias de oiro, esplendidos vestidos.

## VII

Nas purpuras do leite eburneo uma creança  
Dormita; a luz do sol lhe beija a loira trança.

## VIII

Formosa! vista assim no leito adormecida,  
É nayade gentil em relva humedecida.

## IX

Murmuram do clepsydro as aguas. No entretanto  
Nera seu corpo estira em flascido quebranto.

## X

Abre — felino geito! — os labios côr de rosa,  
Como em busca de um beijo, a dama voluptuosa.

## XI

Sonha! julga sentir no rosto de açucena  
Os beijos de Bactylo, o gladiador da arena.

## XII

Subito, em toda a Roma a plebe dissoluta  
«Ao Circo!» ruge e grita; a dama accorda, e escuta.

## XIII

Ergue o corpo de neve a linda Galateia,  
«Ao Circo!» e em seu olhar sorri ignota ideia...

1870

**ALGUEM**

Para alguem sou o lyrio entre os abrolhos,  
E tenho as fórmias ideaes do Christo ;  
Para alguem sou a vida e a luz dos olhos,  
E se na terra existe, é porque existo.

---

Esse alguem, que prefere ao namorado  
Cantar das aves minha rude voz,  
Não és tu, anjo meu idolatrado!  
Nem, meus amigos, é nenhum de vós!

Quando alta noite me reclino e deito  
Melancholico, triste e fatigado,  
Esse alguem abre as azas no meu leito,  
E o meu somno deslisa perfumado.

Chovam benções de Deus sobre a que chora  
Por mim além dos mares! esse alguem  
É de meus dias a esplendente aurora,  
És tu, doce velhinha, oh minha mãe!

---

## NA RÓÇA -

AO DR. LUIZ JARDIM

Cercada de mestiças, no terreiro,  
Scisma a Senhora Moça; vem descendo  
A noite, e pouco e pouco escurecendo  
O valle umbroso e o monte sobranceiro.

Brilham insectos no capim rasteiro,  
Vem das mattas os negros recolhendo;  
Na longa estrada echôa esmorecendo  
O monótono canto de um tropeiro.

Atrás das grandes, pardas borboletas,  
Creanças nuas lá se vão inquietas  
Na varanda correndo ladrilhada.

Desponta a lua: o sabiá gorgeia;  
Emquanto ás portas do curral ondeia  
A mugidora fila da boiada...

---

## UMA ANDALUZA

A MARÇAL PACHECO

Tinha os pés e as mãos em miniatura,  
Essa por quem suspira em vão Sevilha;  
Seu collo era um modelo de esculptura,  
Visto de sob as franjas da mantilha.

Em seu gracioso andar sobreexcedia  
De panthera a felina gentileza;  
Era famosa em toda a Andaluzia  
A longa trança da gentil marquezia.

E por ninguém batêra aquelle seio  
De creança indolente e caprichosa!  
Nenhum—hidalgo—em namorado enleio  
Ousou dizer-lhe um dia: «é tão formosa!»

Por vezes nas—tertulias—repetia,  
Dedilhando no leque rendilhado,  
Que a doces galanteios preferia  
De um—papelito—o fumo perfumado.

À noite, quando a lua é toda amores,  
E a guitarra soluça mais dolente,  
No seu balcão de gothicos labores  
A marquezia sorria-se indolente.

Um alcaide, poeta e cavalheiro,  
De ciúme feroz embriagado,  
No leito apunhalara um estrangeiro  
Da bella señoirita namorado.

Alguem disse, que o facto deshumano  
A deixara impassivel e serena,  
E que se ouvira toda a noite ao piano  
O canto alegre da gentil morena.

Mais tarde, numa esplendida tourada,  
De — El-Niño — ao ver um — cambio — perigoso,  
Perturbou-se-lhe a fronte socegada,  
E palpitou-lhe o seio de amoroso.

Hoje embalde suspira a serenada,  
Murmura em vão na — calle — a seguidilha,  
Que a marqueza gentil e enamorada  
Por um — torero — abandonou Sevilha!

BIANCO VESTITA

Quando sou a teu lado e sinto o aroma  
Das tuas fallas puras de creança,  
Embriagam-me os sonhos de esperança,  
Que em vão posso lograr na curta vida.

..

Visão de amor! o beijo sacrosanto,  
Colhido nessa bocca purpurina,  
Foi como a luz do sol entre a neblina;  
Eu te bemdigo, noiva estremecida!

Por vezes ao luar, nessa varanda,  
Quando ao seio te apérto enamorada,  
E a medo se desata magoada  
A canção de minh'alma que delira,

A face te desmaia docemente,  
Descáe-te a fronte languida no seio,  
Humido o labio em desmaiado anceio  
Tenues vozes de amor brando suspira.

Flor de innocencia! o sonho de ventura,  
Que antevejo no aroma d'essas fallas,  
Não vale as núvens de oiro em que te embalas  
E de teu leito o perfumado arminho...

Não me falles de amor, tímida rôla!  
Estende as azas em perenne adejo!  
Chore eu embora o sacrosanto beijo,  
E as rosas que lançaste em meu caminhò!..

186...

---

**NOITE DE INVERNO**

**Dezembro, quando veste  
O manto seu de arminho,  
E o escuro torvelinho  
Empana o azul celeste...**

E sopra o agudo léste  
No arido maninho,  
Deserto é o caminho,  
E a noite é fria, agreste...

Que doce então scismarmos  
Na alcôva socegada,  
E, quasi a adormecer,

A fronte reclinarmos  
Na onda aveludada  
De um collo de mulher

1868

---

## DESDICHADA

Sósinha e ao desamparo ella vivia  
Nesse pobre casebre abandonado ;  
Não conhecêra pae nem mãe ; doía  
Fitar aquelle rosto macerado.

---

Nenhum rapaz esbelto a convidava  
Para os descantes da festiva aldeia ;  
E comsigo a mesquinha suspirava :  
«Doce Jesus! porque nasci tão feia?»

Quando a lua no céu azul surgia,  
De alvôr banhando a múrmura deveza,  
No postigo do albergue a sós gemia,  
Triste mulher sem viço nem belleza.

Chamou-a Deus emfim : quando passava  
O singello caixão na triste aldeia,  
Melancholico o povo murmurava :  
«Vae tão bonita, olhae! e era tão feia!..»

1870

---

## À BEIRA DO MONDEGO

Do azul na grande abobeda espelhada  
Campeia a lua e os astros scintillantes,  
Os pés nas frescas aguas murmurantes  
Dorme Coimbra triste e socegada.

---

Ha pouco ainda a branda serenada  
Nos bandolins chorava palpitantes;  
Tudo é silencio agora, e das amantes  
Não se movem as sombras na calçada.

O caes repouisa; a riba é solitaria;  
Da ponte nos esguios candieiros  
A luz vacilla crepitando varia.

Nas curvas lanchas dormem os barqueiros.  
O poeta no entanto, o eterno paria,  
Escuta a voz de Ignez entre os salguciros.

---

## CORTEJO

— DE PAULO VERLAINE —

Em vestes d'ouro e brocado,  
Um mono os passos acerta  
Ante a formosa, que aperta  
Na mão um lenço bordado.

Atrás um negro luzido  
Segue, de capa encarnada:  
Sustém a cauda pesada  
Do roçagante vestido.

O mono os olhos demora  
No lacteo seio da bella,  
Seio que a todos revela  
A nua Venus d'outr'ora.

A espaços o negro, ousado,  
Ergue a cauda mais um pouco:  
Quer ver se as visões d'um louco  
Mentiram... pobre coitado!

No rico salão festivo  
Passeia a bella indolente:  
Recresce a paixão ardente  
No seu cortejo lascivo.

1868

**MÃE****A M. DE CAMPOS CARVALHO**

**Ella velava perto  
Do filho, que dormia,  
E candida sorria  
Ao lyrio entreaberto.**

---

Da lua um raio incerto  
No quarto se perdia ;  
E a mãe olhava o Dia  
E a Luz do seu deserto.

No berço fluctuante  
Moveu-se agora o infante  
E accorda pranteando...

Não ha quadro mais bello  
Que a mãe, solto o cabelo,  
O filho acalentando !

1869

---

## A TUA CARTA

A J. SIMÕES DIAS

Tem as letras desmaiadas  
A carta que me escreveste,  
Talvez do calor do seio,  
Onde escondida a trouxeste.

O perfume que ella exhala  
Entonteceu-me a cabeça,  
Lembraram-me os docês beijos  
Da tua bocca, travêssa!

Eu não déra a tua carta  
Por coisas de alta valia;  
São mais lindos que as estrellas  
Teus erros de orthographia!

Por isso tracto essa carta  
Com mais cuidado e mais zêlo,  
Que o louro anel que me déste  
Das tranças do teu cabelo.

Por isso a leio e releio  
Toda a noite em voz magoada,  
E o papel estou beijando  
Quando rompe a madrugada.

Cinco lettras d'essa carta  
Valem mais que a luz do dia,  
São aquellas cinco lettras  
Do teu nome de Maria...

Sempre que vejo essas lettras,  
Cuido ver o teu sorriso ;  
Oh! lettras! vós sois as chaves  
Das portas do paraizo!

Oh filha! quando medito  
Nas rosas do meu passado,  
Parece-me a tua carta  
Um lindo altar enfeitado.

E penso... vê lá por onde  
A phantasia me vôa!  
Que tens a mão sobre a minha,  
Que um padre nos abençòa...

Eu não déra a tua carta  
Por coisas de alta valia,  
Inda que mais não tivesse  
Que o teu nome de Maria!

---

**IL RITRATO**

Entre jasmins em perfumado ambiente  
—Qual a Madona em nicho recatado—  
Pende em moldura de ébano lavrado  
A imagem da mulher que choro ausente.

---

Sólta lhe desce a trança resplendente  
Em ondas sobre o seio immaculado;  
Doira-lhe o fino labio nacarado  
Almo sorrir de amor, puro, innocente...

Poemas aereos nesses olhos leio,  
Na luz dos olhos negros, e pranteio  
O ver-me triste e só no meu retiro.

Doce visão do céu! ás vezes creio  
Que suspiras de amor em vago aneio :  
Onde me levas, intimo suspiro?

1868

---

**ALLUCINAÇÃO**

É este o seu jardim; no velho muro  
Estende o jasmineiro a ramaria,  
Chóra a fonte no mármore da bacia,  
Rescende perto o laranjal escuro,

---

Este luar silencioso e puro  
Vale bem o fulgôr d'aquelle dia,  
Em que a doce creoula me dizia  
O que eu talvez não ouça no futuro.

Sonho talvez! cuidei ter presentido  
O arrastado e usual ruído  
De suas vestes múrmuras de sêda...

Uma folha que desce, me desperta!  
E eu vejo, á luz da lua, a sombra incerta  
Das arvores nas ruas da alamêda.

1869

---

## CANÇÃO

A BERNARDINO MACHADO

I

Mostraram-me um dia na roça dançando  
Mestiça formosa de olhar azougado,  
Co'um lenço de côres nos seios cruzado,  
Nos lóbos da orelha pingentes de prata.  
    Que viva mulata!  
    Por ella o feitor  
Diziam que andava perdido de amor.

## II

De emtórno dez legoas da vasta fazenda  
A vel-a corriam gentís amadores,  
E aos dictos galantes de finos amores,  
Abrindo seus labios de viva escarlata,  
Sorria a mulata,  
Por quem o feitor  
Nutria chimeras e sonhos de amor.

## III

Um pobre mascate, que em noites de lua  
Cantava módinhas, londuns magoados,  
Amando a faceira dos olhos rasgados,  
Ousou confessar-lh'ó com voz timorata...  
Amaste-o, mulata!  
E o triste feitor  
Chorava na sombra perdido de amor.

## IV

Um dia encontraram na escura senzalla  
O catre da bella mucamba vazio,  
Embalde recortam pirógas o rio,  
Embalde a procuram nas sombras da matta.  
Fugira a mulata,  
Por quem o feitor  
Se foi definhando, perdido de amor.

1870

---

## NEVER-MORE

IMPRESSÕES DE UMA POESIA DE MUSSET

Hontem ao ver-te, flôr! após a longa ausencia,  
Scismando em não sei que, a tarde ia cahindo,..  
Lembrou-me o nosso amor, e a perfumada essencia,  
Que profanaſte rindo,

Oh sim! és bella ainda! a mesma palidez  
Ennubla-te de leve o rosto de açucenas;  
Teu corpo inda conserva a doce languidez  
Das bellas Madrilenas.

Teus olhos têm a luz, a mesma luz que outr'ora  
A vida me tornou em flóreo paraíso;  
O mesmo aroma tem a trança côr de amora,  
Teu labio o mesmo riso...

Mas, quando te oiço a falla, esvae-se o meu encanto,  
O sonho se anniquilla e attonito extremeço!  
Minh'alma, doudo amor! se alaga em triste pranto;  
Mulher, não te conheço!..

Não és a mesma, não! não treme suspirosa,  
Como outr'ora, creança, a tua voz tremia:  
Busco embalde a illusão do sonho côr de rosa!  
Tudo, tudo mentia!...

Mentia-me essa voz, e aquelle doudo anceo,  
E o pranto que te vi na minha despedida!  
Mentia-me essa fronte, occulta no meu seio...  
E eras a minha vida!

Diz'-me: se eu perguntasse um dia o que fizeste  
Das sanctas illusões das minhas primaveras,  
Das crenças que depuz naquelle amor celeste,  
Diz'-me: que responderas?

És hoje o mausoléu sombrio, onde descança,  
Para sempre talvez, o meu doce passado!  
Amanhecesse um dia a pallida esperança...  
Mas... teu seio é gelado!

**MIMI**

Recreia-se a minh'alma se á tardinha  
Na janella diviso essa innocente;  
Que nunca vi olhar mais transparente,  
Nem figura gentil como a visinha!

Desce ás vezes a tímida avesinha  
Ao seu jardim, e afaga docemente  
Da Cochinchina um gallo refulgente,  
Que em seu regaço languido se aninha.

Ageita, ao ver-me, o seu vestido curto,  
E, as louras tranças concertando a furto,  
Fita os olhos no azul toda tristeza.

E nesse tempo acode-me á lembrança  
O já ter visto assim uma creança  
Numa gravura ideal da escola ingleza.

---

**SUAS MÃOS**

As mãos d'essa franzina creatura  
São feitas das camelias setinosas;  
Ressumbra na suavissima textura  
O azul das tenues veias caprichosas.

---

Levemente compridas, graciosas,  
Escurecem das téclas a brancura,  
E despresam as lindas preguiçosas  
Os finos arabescos da costura.

Os dedos são de jaspe modelado;  
E as unhas... só podiam as palêtas  
De um chinez imitar-lhes o rosado.

Se alguém as beija em curvas etiquêtas,  
Sente um aroma doce e delicado  
Como o aroma subtil das violêtas.

1870

**O MEU CACHIMBO**

Beija os olhos do filho inanimado  
A mãe, soltando sepulchraes lamentos:  
Assim chorei, beijando esses fragmentos  
Do meu loiro cachimbo requemado.

Eras, pòbre cachimbo, o que restava  
Do aereo sonho d'esse amor desfeito!  
Embalde apérto ao magoado peito  
O cofre de xarão que te guardava!

Lembro-me ainda, qual se fosse agora,  
De quando Helena, a tímida creança,  
Me deu em dia de annos por lembrança  
Esse cachimbo que minh'alma chora.

Muita vez entre as ondas caprichosas  
Do azulado fumo ella contava  
A sua triste infancia, e desatava  
Pelos hombros as tranças vaporosas;

Ou demorando na cerúlea altura  
Os magoados olhos, repetia  
Que bem cedo talvez me deixaria  
Pela sombra feral da sepultura.

..

Um dia fui achal-a em triste leito,  
Mais trémula que um passaro ferido,  
Descahia-lhe o rosto esmaecido  
Sobre o marmore branco de seu peito.

E ouvi depois que em funebre ataúde  
Me levaram a pallida violeta,  
A minha enamorada Julieta,  
A miragem da minha juventude.

E quando a noite repoisava escura,  
E a solidão mais fundo me dóia,  
Nas espiras do fumo absorto a via,  
E embalava-me em sonhos de ventura.

Oh meu cachimbo, companheiro e amigo,  
Que na desdita e no prazer me viste!  
Com quem agora fallarei da triste,  
Que descança na sombra do jazigo?

1869

AO MEIO DIA

I

No cafetal cerrado

O silencio é completo: o Engenho dorme.

Do matto denso e enorme

Sae o vago susurro dos cortiços;

Não se ouve de aves o cantar magoado,

Nem coxa a rã nos humidos caniços.

## II

O fumo das cosinhas da Fazenda,  
Pennacho vacillante,  
Recorta em flócos de ligeira renda  
O ar sereno em seu azul distante.

## III

Na torre avermelhada  
Chama a sineta ao sórdido repasto.  
Dos escravos a turba afadigada,  
Repleta de alegria,  
Sob um tólde no pateo immenso e vasto  
Descança do labôr do extenso dia.

## IV

Entre dous ramos na suspensa rede  
Dorme emtanto o feitor;  
E su'alma irrequieta em sonhos vaga  
Pelos paizes de um ditoso amor.

## V

Sonha embebido, em louca phantasia,  
Que á sombra do ingazeiro,  
De vasta ramaria,  
O velho fazendeiro,  
Com voz grave d'est'arte lhe dizia:  
«Sinto-me velho e enfermo  
«Da vida já no termo:  
«Se morro, ahi me fica ao desamparo,  
«Sem irmãos, sem ninguem, sem um parente  
«A minha pobre filha,  
«O thesouro do avaro!  
«És honrado e valente,  
«E pobre como eu fui... Ella consente,  
«Podes chamar-lhe esposa...»

## VI

E o feitor via, doce e carinhosa,  
A pallida Sinhá,  
No labio um riso honesto,  
A desfolhar com peregrino gesto  
Um roxo manacá.

## VII

Ora os miseros negros insensíveis  
A tanto amor e a tanta poesia,  
Formam-se em varios grupos: este sóta  
De um instrumento rispida harmonia  
Ao som dos pés, que batem compassados;  
Outro segue o voar dos maribondos,  
Abrindo os grandes olhos esmaltados.

## VII

Este apresta a armadilha cavilloso  
Para caçar as vivas capiváras;  
Outro, mais diligente e industrioso,  
Vae concertando um cesto de taquaras.

## IX

Num grupo separado  
Os crias da Fazenda  
Em doce enlêvo escutam  
Um franzino mestiço afortunado,  
Que relata baixinho o caso estranho  
De ter visto a Sinhá tomando banho

## X

Da sala da costura na janella,  
Que a verde trepadeira  
De cachos mil estrélla,  
Passa ás vezes o rosto cobreado  
Uma lasciva — parda — feiticeira.

## XI

Um rancho de negritos,  
Luzidios e nós,  
Enchendo o ar de estrepitantes gritos,  
O páteo cruzam rapidos, montados  
Em varas de bambús,  
Alevantando nuvens de poeira  
Na vertigem da célere carreira.

## XII

Folgam ao vel-os os saguys ligeiros;  
E as araras formosas,  
Os rubros olhos com temor piscando,  
E as scintillantes pennas encrespando;  
Já gritam buliçosas,  
No ébano lustroso dos poleiros.

## XIII

De velhos negros numa vasta roda  
Um Cabinda gracioso,  
A quem a turba toda  
Com applausos incita,  
Vae meneando o corpo firme e airoso;  
E a voz minhôta do feitor imita.

## XIV

Este sonha no entanto :  
Mas o sonho é mais triste, pois agora  
Ante seus olhos, húmidos de pranto,  
Merencória visão se patenteia :  
Vê da patria a campina verdejante  
    Onde brincára infante,  
    E a torre velha e esguia,  
    E a larga escadaria  
Da velha igreja da saudosa aldeia.  
    Não longe do caminho  
Nas sombras do arvoredado meio-oculta,  
    Como alvacento ninho,  
A casa onde nascera alegre avulta.  
Fallam com elle cheias de alegria  
    As moças do logar ;  
— «Oh Margarida! oh Rosa! e tu Maria!...»  
    E o triste a soluçar...  
— «Onde está minha mãe?» eil-a que passa!  
    Tão mudada e abatida!..  
— «Não vês teu filho, minha mãe querida?  
Para abraçar-te de bem longe venho...»

## XV

Nisto um grito solemne e imperioso  
Veio quebrar o sonho venturoso:  
Era o senhor do Engenho.

---

A CONFESSADA

Era tão linda assim, ajoelhada,  
As mãos unidas com suave gesto,  
Os olhos baixos, e um sorrir modesto  
De seus lábios na curva immaculada!

De um sacerdote aos pés severo e mésto  
Ella curvara a fronte delicada,  
E dizia-lhe baixo e socegada  
De sua vida o deslizar honesto.

Mas subito uma nuvem côr de rosa  
Ao rosto lhe subiu, fugaz meteóro!  
E a voz tremeu-lhe inquieta e suspirosa...

E pude ver, sombrio Lovelace,  
Essa palavra—amor—em letras de ouro  
Traçadas no carmim de sua face.

---

## TRANSFIGURAÇÃO

AO DR. JOSÉ FABRÃO

### I

Era a voz de Jesus, benigna e tão suave  
Como um perdão de mãe, ou como um trino de ave.

## II

A turba, que o cercava, ouvia-o respeitosa,  
Olhando aquella fronte, ebúrnea e luminosa. .

## III

Elle chamava a si, com fallas de esperanças,  
O simples, o afflicto, e as timidas creanças.

## IV

E fallava do céu, das coisas transparentes,  
E de um culto ideal, ás almas innocentes.

## V

Aos humildes dizia, erguendo o olhar profundo:  
«O reino do Senhor não é o d'este mundo.»

## VI

Ouviu-se então no povo em extasi embebido,  
Um grito suffocado, um chôro dolorido.

## VII

Jesus baixára a vista, affavel e serena :  
«Feliz, disse, o que chóra, oh doce Magdalena!»

## VIII

E ella, que em vida sôlta, alegre e descuidosa,  
Passára os dias seus, triste mulher formosa!  
Sentindo aquelle olhar, que entre ella e o céu fluctúa,  
Nas tranças occultou a espádua semi-núa...

1870

**FIM.**



# INDICE



## MINIATURAS



	Pag.
A bórdo .....	5
A noiva.....	12
A sésta.....	14
A mulher que ria.....	18
O camarim.....	21
Arrufos.....	23
N. H. ....	30
Modesta.....	32
Eleitos e precitos.....	52
Um numero do intermezzo.....	54
Dulce.....	56
Violeta.....	58
Consolação.....	61
Sara.....	63
O rosario.....	81
Destinos .....	84
Arrependida.....	86
Nera .....	88

---

	Pag.
Alguem.....	92
Na róça.....	94
Uma andaluza .....	96
Bianco vestita.....	99
Noite de inverno.....	102
Deadichada.....	104
Á beira do Mondego.....	106
Cortejo.....	108
Mãe.....	110
A tua carta.....	112
Il rittrato.....	116
Allucinação.....	118
Canção.....	120
Never-more.....	123
Mimi.....	126
Suas mãos.....	128
O meu cachimbo.....	130
Ao meio dia.....	133
A confessada.....	141
Transfiguração.....	143

---







**UNIVERSITY OF CALIFORNIA LIBRARY**  
**Los Angeles**  
**This book is DUE on the last date stamped below.**

PQ  
9261  
G5866M6

UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY



**AA** 000 444 667 0



